

Gruta descoberta em Penela poderá ser a maior de Portugal

Ensaio no subsolo

Graça Barbosa Ribeiro

Descoberta há poucos meses em Penela, a gruta Talismã poderá ser a maior existente em Portugal. Dentro de ano e meio, deverá estar aberta ao «turismo ecológico», que teve esta semana um primeiro ensaio. Para quem goste de atravessar passagens estreitas e suportar muita lama e água até, finalmente, poder apreciar as belezas escondidas no subsolo.

«Ah..., merda! O Antunes paga-mas! Ah...» -- de fato-macaco cor de laranja, capacete na cabeça e indiferente ao apoio moral dos espeleólogos, o presidente da Câmara de Alvaiázere luta por um apoio para os pés ao mesmo tempo que procura caber no estreito buraco que dá acesso à gruta Talismã, nos arredores de Penela. Ainda soam os ecos dos improperios do autarca, e já o presidente da Câmara de Penela, a quem se dirigem os desabaços, rasteja sob um tecto baixo de estalactites em direcção à conduta central da gruta, recentemente descoberta.

Incapazes de resistir ao desafio dos jornalistas -- afinal, estava em causa provar que a descida à gruta poderia estar ao alcance «de qualquer um» --, os autarcas haviam acabado por trocar os fatos e gravatas por uma indumentária mais apropriada ao momento de apresentação à imprensa daquela que poderá ser a maior gruta descoberta em Portugal.

Tudo começou há quase oito meses, quando um agricultor da localidade de Taliscas falou a vários jovens do Grupo de Arqueologia e Espeleologia de Pombal na existência de um «sopradouro» numa propriedade vizinha da sua. Na altura, não era mais do que um buraco no meio de duas caves de pedra onde mal passava um punho fechado e do qual saía uma forte corrente de ar.

Os jovens espeleólogos concluíram que aquilo que ao longo dos anos servira de brincadeira a garotos e adultos -- que se divertiam deitando folhas secas no buraco para as ver regressar, empurradas pela corrente de ar -- era um «tubo de vento», um fenómeno que corresponde às massas de ar de diferentes temperaturas localizadas em grandes espaços. Neste caso, o ambiente exterior e uma enorme cavidade no subsolo. Daí à entrada na gruta, a 26 de Setembro, passaram-se quatro fins-de-semana e três detonações de cargas explosivas. Para descobrir que, geologicamente falando, a gruta baptizada com o nome de Talismã se situa «ao longo de falhas e fracturas geológicas inseridas em compactos do Dogger do Jurássico Médio».

Subidas lentas e rápidas descidas

Anteontem, vários grupos de jornalistas entraram na gruta. Quando ela for aberta ao turismo ecológico, dentro de cerca de ano e meio, nada do que lá existia ontem estará diferente.

A descida dos primeiros cinco metros na vertical é assustadora. Quase tão assustador quanto desconcertante é encontrar, lá em baixo, os olhos azuis de dois garotos a brilhar à luz das lanternas dos capacetes. «Já cá vim tantas vezes, isto não é nada!» -- com esta frase, Ricardo, que pensa um bocadinho antes de dizer quantos anos tem («fiz ontem onze»), desencoraja os que tentam regressar à luz do sol. Resta então rastejar em direcção ao interior da gruta sobre pedras soltas e sob estalactites, sempre sob as instruções dos zelosos espeleólogos.

Quando finalmente se torna possível endireitar as costas, é a lama que dificulta o andar. Até que, finalmente, a conduta cresce e se alarga: é o rio subterrâneo, com três a quatro metros de largo. Com água pela cintura, cara e mãos cobertas de lama e lavagens forçadas por ocasião das quase inevitáveis escorregadelas, caminha-se à descoberta. Para encontrar aquela que os espeleólogos baptizaram com o nome de «sala do caos» --

um espaço amplo com cerca de 30 metros de altura, onde enormes pedras se amontoam, aqui e ali cobertas de estalagmites --, depois a sala «das velas», a «do altar» e muitas outras já descobertas. As subidas fazem-se lentas, gatinhando sobre íngremes montes de argila. As descidas são mais rápidas, graças a uma escorregadela que termina com um banho certo.

Ao todo, são dois os quilómetros já explorados, mas, dizem os especialistas, tudo faz crer que a gruta poderá ter cerca de 10 quilómetros. Isso mesmo será verificado ao longo do próximo ano e meio, tempo que será aproveitado pelo Grupo de Espeleologia de Pombal e pela Associação de Municípios da Serra do Sicó para desenvolver o projecto de turismo ecológico. A ideia é respeitar o lema internacional dos espeleólogos: «Nas grutas nada se deixa, além de pegadas, nada se tira além de fotografias, nada se leva além de saudades, nada se mata além do tempo». Por isso a gruta ficará tal como é hoje. O que, como ontem dizia uma jovem espeleóloga, «exige dos turistas características físicas e psicológicas muito próprias».

Jornal "Público"
1994-04-15